



O SPLEEN EM BAUDELAIRE E LIMA BARRETO: CONFLUÊNCIAS E DISSONÂNCIAS FRENTE À MODERNIDADE

THE SPLEEN IN BAUDELAIRE AND LIMA BARRETO: SIMILARITIES AND DIFFERENCES ABOUT THE MODERNITY

Marília Köenig¹⁷

RESUMO

O presente trabalho intenta destacar as semelhanças e divergências entre Charles Baudelaire e Afonso Henriques de Lima Barreto em seus modos de perceber a modernidade. Para tanto, partirei do conceito de *spleen*, o qual é perceptível tanto na obra do chamado poeta da modernidade quanto no legado do literato carioca Lima Barreto (LB), autor cujas obras venho estudando. Marcado pela atividade jornalística e pela militância que empreendeu no trato com a Literatura, Lima Barreto não desenvolve uma forma literária sofisticada, como Baudelaire. Mas não obstante essas diferenças, as aproximações entre os dois são significativas, visto serem ambos flanêurs ante o moderno, tanto em Paris, signo-cidade da modernidade, quanto na capital da República brasileira à Belle époque. No caso de Lima Barreto, o viés antipastoral acerca da vida moderna manifesta-se por meio da crítica ao sistema recém-instaurado, bem como uma certa nostalgia com relação ao passado, caracterizam seu *spleen*.

Palavras-chave: Baudelaire; Lima Barreto; *Spleen*; confluência.

ABSTRACT

The paper tries to emphasize the similarities and differences between Charles Baudelaire and Afonso Henriques de Lima Barreto, in what concerns their ways of perceiving the modernity. For this purpose, I will use the spleen concept, which is perceptible both in the work of the so-called poet of the modernity and the carioca Lima Barreto's legacy, author whose works I have been studying. Marked by his activity inside the journalism and because of the militancy that he endeavored on the Literature, Lima Barreto does not develop a sophisticated literary form as Baudelaire does. Although these contrasts, the approximations between them are meaningful, since both are flanêurs in the face of modernity, both in Paris, the sign-city of modernity, and in the capital of the Brazilian Republic to the Belle époque. In the case of Lima Barreto, the antipastoral bias about the modern life manifests itself through criticism to the recently instituted, just as a certain nostalgia related to the past characterize the spleen.

Keywords: Baudelaire; Lima Barreto; *Spleen*; Confluence.

Este breve ensaio intenta destacar as semelhanças e divergências entre Charles Baudelaire e Afonso Henriques de Lima Barreto em seus modos de perceber a modernidade. Para tanto, partirei do conceito de *spleen*, o qual é perceptível tanto na obra do chamado poeta da modernidade quanto no legado do literato carioca Lima Barreto, autor cujas obras venho estudando.

O impacto da eclosão da Era Moderna tanto em Paris, signo máximo da modernização, quanto no Rio de Janeiro, então capital da República recém-instaurada no Brasil no período denominado *fin de siècle*, é possível perceber na produção de ambos. O conceito de *spleen* é, aqui, uma das pontes

¹⁷ Jornalista, mestra e doutora em Ciências da Linguagem. Professora do Senac SC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). E-mail: maiam_78@hotmail.com

entre Baudelaire e Lima Barreto¹⁸.

O choque social causado pela transformação do ambiente urbano e da conseqüente mudança nos espíritos dos habitantes da *pólis* é algo amplamente trabalhado por esses dois *flanêurs* modernos. Ambos observam e imprimem à sua produção as impressões sobre a estrutura tentacular que a modernidade estende sobre a cidade e seus habitantes (*in* CRUZ, 1994, p. 30).

Isso se reflete, conforme destaca Hugo Friedrich em *Estrutura da lírica moderna* (1978, p. 23), no poeitar moderno, em que é possível vislumbrar mais categorias negativas do que positivas, em um contexto de “anormalidade”, conforme Friedrich aponta. O que é também possível observar na prosa “marginal” do brasileiro Lima Barreto, porta-voz da modernidade no Rio de Janeiro.

Baudelaire, ícone moderno

Em *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade* (1986), Marshall Berman enfatiza que se tivéssemos de apontar um primeiro modernista, Charles Baudelaire seria sem dúvida o escolhido (1986, p. 130). Ele emprega o termo *modernidade* no ano de 1859 para “expressar o particular do artista moderno: a capacidade de ver no deserto da metrópole não só a decadência” [...] (BERMAN, 1986, p. 30). Este, lembra Friedrich (1978), seria o problema da poesia de Baudelaire: a possibilidade de a poesia ser feita em uma civilização dominada pela técnica, na qual a arte, conforme Walter Benjamin, é destituída de sua aura.

O indivíduo, nesse cenário, é tido como “nada”, na medida em que a visão do poeta, para vislumbrá-lo dever tornar-se extra-humana. A desumanização do sujeito lírico seria, para Friedrich (1978, p. 37), “uma necessidade histórica”. Em *Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*, Benjamin afirma ser precisamente “a imagem da multidão das metrópoles” que se tornou determinante para Baudelaire (BENJAMIN, 1989, p. 112).

Em *As flores do Mal*, em quase todas as poesias Baudelaire fala a partir do “eu”. Discorre, em seus versos, sobre si mesmo, na medida em que se sabe vítima da modernidade, a qual pesa sobre ele como uma excomunhão. O que também se pode vislumbrar na prosa barretiana.

A modernidade para Baudelaire está intimamente ligada às noções de conflito, de contradição. O conflito configura-se como o centro da vida cotidiana moderna, da vida nas grandes cidades. Com Baudelaire, portanto, estavam lançados os dados à universalização do conceito de *spleen* como

¹⁸ Ao longo do trabalho, em alguns trechos, ao aludir a Lima Barreto, farei uso das iniciais LB.

símbolo tanto de um certo *mal-de-vivre*, que é capaz de levar à rebelião social (no sentido de desafio das convenções e da ética) como no sentido de um insuportável tédio que leva a desprezar tudo à volta (SCRAMIN, 2008).

O marco que faz toda a humanidade urbana uma “família de olhos” extensa faz aparecer os enteados dessa família. As transformações físicas e sociais que tiraram os pobres da vista agora os trazem de novo diretamente ao campo visual de todos os habitantes das metrópoles. O que também é possível perceber em Lima Barreto, ao descrever as mudanças pelas quais passava o Rio de Janeiro, então capital da República que se instaurava.

Entra aqui, também, a noção de decadentismo. “Com uma solidez metódica e tenaz mede em si mesmo todas as fases que surgem sob a coação da modernidade: a angústia, a impossibilidade de evasão, o ruir frente à idealidade ardentemente querida, mas que se recolhe ao vazio” (p. 38). Algo que fica evidente nestes versos de *O cisne*, que Baudelaire dedica a Victor Hugo:

Andrômaca, só penso em ti! O curso de água,
Espelho pobre e triste onde já resplendeu,
De teu rosto de viúva a majestosa mágoa,
O Simoente falaz que ao teu pranto cresceu,
Agora fecundou minha fértil saudade,
Como eu atravessasse o novo Carrossel.
Morto é o velho Paris¹⁹ (a forma da cidade
Muda bem mais que o coração de uma infiel);
Só em pensamento vejo os campos de barracas,
Os fustes aos montões, as cornijas rachadas,
Os muros de um verniz verde, as ervas opacas,
O vago ferro-velho a brilhar nas calçadas.
No outro tempo existiu neste ponto um aviário [...]

Nesse contexto, Baudelaire assume o modelo de poeta decadente. Todos os termos capazes de se incorporarem na retórica da decadência ou do espírito decadente - tédio, nolição, inércia, niilismo, mal-estar-perante-a-morte, náusea, ennui, fastio -, se convocados numa única instância, “dão-nos a exata significação do spleen na estética de Baudelaire e de todos os que o seguiram na poesia e na vida” (SCRAMIN, 2008, p. 02).

A transformação urbana que visava a retirar os pobres de vista agora os lança diretamente ao olhar de todos, conforme Berman (1986): “o interior turbulento de Baudelaire, sua angústia e anseios — toda a sua performance criativa ao representar aquilo que Banville chamou de ‘o homem moderno

¹⁹ Grifo meu.



em sua plenitude, com suas fraquezas, suas aspirações e seu desespero’ — estão completamente fora deste mundo”.

A musa do tempo final

Para Baudelaire, ressalta Friedrich (1978), somente se pode conseguir uma poesia adequada ao destino de sua época captando o noturno e o anormal, escapando à trivialidade do “progresso” sob o qual o tempo final se oculta. Os muros de verniz verde e o ferro-velho que tomou o lugar do aviário dantes existente são índices inequívocos da Era Moderna.

O progresso, na visão baudelaireana, constitui o lugar do conflito, o decaimento progressivo da alma, o predomínio progressivo da matéria. O que se expressa por sua aversão aos jornais manifestou e à “crescente maré democrática que a tudo nivela”. Algo a que, fortemente, também alude LB ao descrever a mediocridade que caracterizava o Jornalismo praticado à época no Rio, cenário de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Nada há tão parecido como o pirata antigo e o jornalista moderno: a mesma fraqueza de meios, servida por uma coragem de salteador; conhecimentos elementares do instrumento de que lançam mão e um olhar seguro, uma adivinhação, um faro para achar a presa e uma insensibilidade, uma ausência de senso moral a toda a prova... [...] Só se é geômetra com o seu placet, só se é calista com a sua confirmação e se o sol nasce é porque eles afirmam tal coisa... E como eles aproveitam esse poder que lhes dá a fatal estupidez das multidões! Fazem de imbecis gênios, de gênios imbecis; trabalham para a seleção das mediocridades (BARRETO, 1909, p. 56).

O moderno é contraditório. Negativo e, ao mesmo tempo, fascinante. O brilho fosforescente das metrópoles, a pobreza à margem. Imagens dissonantes de um cenário, a cidade, na qual o perfume das flores e o odor do alcatrão, a luz do gás e o céu do crepúsculo, a alegria e a lamentação coabitam o mesmo espaço na modernidade “poeticamente galvanizada”, que Baudelaire elogia em Edgar Allan Poe (FRIEDERICH, 1978, p. 42-43).

Para Berman (1986), Baudelaire foi um dos escritores do século XIX que mais contribuiu para dotar seus contemporâneos de sua própria condição de homens modernos. Sua postura ambivalente, pastoral e antipastoral, ao mesmo tempo celebra e critica a modernidade.

Dois dos últimos poemas de Baudelaire *Os Olhos dos pobres* (1864) e a *Perda do Halo* (1865) o consagraram como um dos grandes escritores que brotam da concreta vida de Paris, constituindo imagens primordiais do moderno. A cidade, como grande protagonista da modernidade, passa a ser

pano de fundo do drama da modernização dos espíritos e da volta dos pobres a uma cena da qual estavam à margem no advento do capitalismo.

Possíveis identificações em Lima Barreto

Hall (2006) destaca como marca da modernidade tardia e periférica a fragmentação da identidade do sujeito, até então visto como unificado, o que conferia, ao mundo social, maior estabilidade. Em *Identidade cultural na pós-modernidade*, o autor ressalta que o sujeito vivencia uma crise da identidade. Esta, segundo Hall, é encarada como parte de um processo amplo de mudança, o qual está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos segurança no mundo social (KÖENIG, 2015).

Conforme já explicitiei em minha tese, na atual conjuntura social, as identidades estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Para tanto, Hall (2006) distingue três diferentes modos de entender a identidade, quais sejam, sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e – o que interessa investigar no cerne deste trabalho – o sujeito pós-moderno.

O primeiro consiste em um indivíduo percebido como totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, plena consciência e ação. O “centro” desse sujeito é constituído por um núcleo interior. Tal centro vinha à tona pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, e este permanecia essencialmente o mesmo ao longo de sua vida. O centro essencial do eu, nesse âmbito, era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006).

Já o sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente. Isso compõe, para Hall (2006), uma visão “interativa” da identidade e do eu. Aqui, a identidade constrói-se justamente na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior, tido como o “eu real”. Ele, porém, é formado e constantemente modificado pelo diálogo constante com a cultura “exterior” e as identidades com as quais esse indivíduo conviva.

A identidade, nesse ínterim, é o “fio” que costura o indivíduo à estrutura. Estabiliza os sujeitos e os mundos culturais que estes habitam, tornando ambos mais unificados e previsíveis (HALL, 2006). Argumenta-se, entretanto, que são exatamente esses fatores que agora estão em processo de mudança.

O sujeito pós-moderno, nesse cenário, é visto como uma identidade que se fragmenta, tendo entrado em colapso por conta das inúmeras mudanças estruturais e institucionais que estão ocorrendo

no âmbito da pós-modernidade. Cada indivíduo, no contexto da modernidade tardia ou pós-modernidade, é constituído não por uma, mas por diversas identidades ou, nos termos de Maffesoli (2007), de incontáveis identificações. Estas, não raro, são contraditórias entre si.

Hall (2006) pontua que mesmo o processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, marcado pelo fato de não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Tal identidade, assim, é definida não biológica, mas historicamente. O sujeito, na pós-modernidade, assume identidades diferentes em momentos diversos, identidades que não são unificadas em torno de um “eu” coerente. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’ (veja HALL, 1990)” (HALL, 2006, p. 21).

Nesse contexto, portanto, “a identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, há o confronto por conta da multiplicidade de identidades possíveis, com cada uma das quais o indivíduo consegue se identificar - ao menos temporariamente” (2006, p. 22).

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Essa, aliás, é a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas. Anthony Giddens (1991) argumenta que, nas ditas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e eternizam a experiência de gerações.

A interação entre os sujeitos se modifica, tornando-se mais fluida, efêmera e menos circunscrita a padrões estritos. Assim, “enquanto as sociedades modernas funcionavam com base na vigilância e na punição, as pós-modernas, na sedução e na recompensa a baixo investimento [...] a pós-modernidade, na linha de Maffesoli, é a sinergia do arcaico com a tecnologia de ponta” (SILVA, 2006, p. 25). Pode-se aproximar essa relação entre sujeitos à noção de tribalização e a migração da identidade as identificações (múltiplas, sucessivas e efêmeras).

A tradição, nesse contexto, representa um meio para lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro (GIDDENS, 1991).

Principalmente nesse ponto, encontra-se, na visão da pesquisadora, no comentário cômico de Lima em torno da vida social, a incitação da participação do público (mediante a variedade linguística coloquial da qual faz uso), o que, de muitas formas, parece habilitá-lo a ser o porta-voz de uma antiarte. Essa questão foi uma das motivações à hipótese essencial deste trabalho. Tal hipótese se pretende corroborar a partir da análise de uma coletânea de crônicas de LB, *Vida urbana*. Nela, a insatisfação do autor com as mazelas sociais trazidas pelo processo de modernização do Rio de Janeiro, se manifesta.

Fattori (2004, p. 145) argumenta que o conceito de modernidade com que trabalhava a República brasileira excluía tudo que não fizesse parte de uma atmosfera moderna. Intentava-se, desse modo, promover uma ruptura radical com o passado, com o diferente, inclusive com os “frutos” do próprio processo de modernização. “Não obstante, moderno para Lima Barreto seria ‘uma administração democrática, que contemplasse os interesses coletivos e se interessasse em reconhecer a livre expressão de conflitos sociais e políticos’” (FATTORI, 2004, p. 145).

Tais questões convidam “a pensar os fatos históricos em sua multidimensionalidade, na qual convivem, na maioria das vezes, de forma não-pacífica, as tradições do passado, com o presente, o culto e o popular, o moderno e o arcaico” (FATTORI, 2004, p. 150).

Já no entendimento de Maria Cristina Machado (2002), em torno do que Habermas tratou como projeto moderno já destacado anteriormente, Lima Barreto realiza uma espécie de autocertificação da modernidade periférica e tardia, tendo como via a Literatura militante à qual se dedicou.

David Harvey (2012), por sua vez, fala da modernidade como implicando um rompimento violento com toda condição precedente, caracterizada por um processo ininterrupto de rupturas e fragmentações, em seu cerne.

Ainda no que tange à pós-modernidade, Hall (2006, p. 18) faz a distinção entre o que Giddens, Harvey e Laclau dizem acerca do fenômeno. Segundo Hall, os três autores “oferecem leituras um tanto diferentes da natureza da mudança do mundo pós-moderno, mas suas ênfases na descontinuidade, na ruptura e no deslocamento contêm uma linha comum”, sobretudo no que tange à globalização, conforme o teórico.

Ainda sobre o tema, cabe destacar os pertinentes questionamentos feitos à guisa de conclusão por Chevitarese (2008, p. 13). Para ele, “parece radical e mesmo equivocado ver, na dissociação entre modernidade e pós-modernidade, a necessidade de rejeitar o ideal moderno”. Quando, ao contrário, é necessário questionar e reconhecer os pontos positivos da era moderna e não apenas abandonar, em

conformidade com o argumento de Santos (2000), que afirma ser o pós-moderno muito mais extensão do que dissonância com relação ao moderno.

Estariamos, então, vivendo uma crise *da* modernidade, ou seria melhor concebê-la como uma crise *na* modernidade? Não haveria um equívoco em rejeitar por completo o projeto moderno, em função do que teria sido seu *desastre inicial*, i.e, o agigantamento dos sonhos iluministas e a tentativa de *colonização pela ciência*? Tentar “demitir-se” da modernidade não seria, na verdade, aprofundar seus “descaminhos”? Não é possível lutar contra a modernidade repressiva senão usando os instrumentos de emancipação que nos foram oferecidos pela própria modernidade [...] Demitir-se da modernidade é a melhor forma de deixar intata (*sic.*) a modernidade. (CHEVITARESE, 2008, p. 13)

São questões que perpassam a tênue linha entre a modernidade e a pós-modernidade, ainda tão recente e fugidia. Nessa perspectiva, Jameson, em *Pós-modernidade e sociedade de consumo* (1985, p. 12), destaca também que a unidade da pós-modernidade (se é que essa unidade existe), “não se funda em si mesma”, mas na relação de oposição com a modernidade/modernismo, contra os quais ela se investe.

Nesse novo contexto, além da fragmentação do sujeito, a derrubada de fronteiras entre a arte erudita e cultura de massa ou popular, por exemplo, também é uma característica. E talvez nesse ponto a Literatura militante, por meio de sua estética marginal e gramaticalmente “incorreta”, de Lima Barreto se insira como uma tentativa transcendente (*transmoderna*) de manifestar os efeitos da modernização sobre o Rio de Janeiro de seus dias, e, com igual força, sobre si mesmo.

Lima Barreto, *Spleen*

Em seu *Diário íntimo*, Lima Barreto pontua:

Há *cousas (sic.)* que, sentidas em nós, não podemos dizer. A minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o cepticismo que me corrói – cepticismo que, atingindo também as pessoas e cousas estranhas a mim, a minha própria entidade – nasceu de minha adolescência esse sentimento (BARRETO, 1956).

Ao buscar subsídios para este artigo, foi interessante reler um conto escrito pelo pré-modernista Lima Barreto nos idos de 1909, intitulado *Um que vendeu a alma*. Nele, LB emprega o termo *spleen* para descrever o abatimento do personagem por não ter dinheiro. Diante disso, tem a idéia de vender a alma ao diabo em troca de 500 contos de réis. Ao receber a visita de Lúcifer, é questionado pelo mesmo: “que diabo de *spleen* é esse”? E o sujeito responde: “A palavra vai bem, falta-me é o milhão” (BARRETO, 1956, p. 283).

Algo interessante de se perceber é que, tal como Baudelaire, LB exprime a transformação à qual a cidade do Rio de Janeiro é submetida. Lima, tanto quanto Baudelaire, tem uma relação visceral com a cidade. De forma geral, o lado perverso do Capitalismo é observado pelos dois *flanêurs*.

A modernidade, na capital da República, promove mudanças no modo de viver e até mesmo, no modo de ser de seus habitantes. Algo fortemente marcado em Lima. Veja-se, a seguir, trecho da obra *Clara dos Anjos* (1909), na qual o literato faz uma verdadeira cartografia do que passa a ocorrer no entorno na linha do bonde nesse crescente e irreversível processo de modernização pelo qual passa a capital.

Na fisionomia das casas esteriotipam-se as cousas (*sic.*) da nossa história [...] o tráfico de escravos imprimiu ao Valongo e aos morros da Saúde alguma cousa de cubata africana, e a tristeza do cais dos Mineiros é saudade das ricas faluas que não chegam mais de Inhatomirim e da Estrela, peçadas de mercadorias [...] O bonde, porém, perturbou essa metódica superposição de camadas. Hoje, o geólogo de cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. Não há mais terrenos paralelos; as estratificações inclinam-se; os depósitos baralham-se; a divisão da riqueza e novas instituições sociais ajudam o bonde nesse trabalho plutônico[...] Ondulações concêntricas a esse núcleo encontram as de outro próximo, dando nascimento a uma travessa mal povoada, tristonha, esquecida das autoridades municipais, e que vive anarquizadamente, fora de toda a espécie de legislação, a poucas centenas de metros de outras, apertadas num cinto de posturas (BARRETO, 1956, p. 222).

Ademais, sua própria história familiar, suas dificuldades e a rejeição que sofreu no meio literário da época contribuíram também para o *spleen*, esse *mal-de-vivre* que LB carregou consigo durante toda a existência e o qual ele imprimiu em todo o seu legado, como é possível vislumbrar.

Lima Barreto, nesse contexto, está, de acordo com Leitão (2006, p. 67), “postado ao lado das classes dominadas, empunhando a bandeira dos marginalizados do campo e da cidade, [...] ofereceu-nos talvez uma pista para a interpretação do insólito fenômeno da ‘descontinuidade’ em nossas letras, mimese evidente da truncada e evidente história de nossa vida pública”.

As transformações físicas e sociais que tiraram os pobres da vista agora os trazem de novo diretamente ao campo visual de todos os habitantes das metrópoles. A autora ressalta, ainda, que o progresso, na visão baudelaireana, constitui o lugar do conflito, o decaimento progressivo da alma, o predomínio da matéria. Isso se expressa por sua aversão aos jornais e à “crescente maré democrática que a tudo nivela”. Democracia que não se estende, nesse contexto, às condições de vida nas grandes cidades, nas quais a migração de um grande contingente para as periferias, para as margens, é premente.

Algo interessante de se perceber é que, semelhante a Baudelaire, Lima Barreto exprime a transformação (modernização) à qual a cidade do Rio de Janeiro é submetida. Ambos, conforme



Köenig (2008), mantêm uma visceral ligação com a cidade. De forma contundente, portanto, o lado perverso do Capitalismo é observado pelos dois *flanêurs* (MACHADO, 2002). Baudelaire pontua, ainda, que a vida moderna possui sua beleza. Contudo, esta seria, para o poeta, “inseparável de sua miséria e ansiedade intrínsecas” e “das contas que o homem moderno tem de pagar” (*ibid.*, p. 138). Ele lança, portanto, um olhar de desprezo à vida moderna e ao progresso.

Confluências e dissonâncias

Saturei-me daquela melancolia tangível que é o sentimento de minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim (Lima Barreto).

Creio ser necessário destacar a remissão feita por Machado, na obra *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República* (2002). Na relação que estabelece entre Lima e a modernidade, de modo geral e entre ele e Baudelaire, de modo particular, a autora trabalha as visões pastoral e antipastoral do poeta da modernidade (BERMAN, 1986, p. 135) de modo muito interessante.

Na visão pastoral, em que Baudelaire insere o artista moderno e sua arte, destaca Machado, Baudelaire enaltece a própria vida moderna e seus atores, sendo esta marcada por imagens brilhantes e pela capacidade de a sociedade moderna tem em gerar “shows de aparência”. Contudo, destaca ficarem os indivíduos - como mais tarde alertaria Guy Debord em *A sociedade do espetáculo* (1949) - cegos para o seu próprio interior.

Pela visão antipastoral, Baudelaire manifesta a respeito do mundo moderno na qual, a meu ver, LB insere-se em diversos aspectos, por seu pessimismo, revolta e tédio frente aos males da modernização. O tema antipastoral emerge pela primeira vez no ensaio de 1855, denominado *Sobre a Moderna Idéia* (sic) *de Progresso Aplicada às Belas Artes*. Aqui, “Baudelaire se serve de uma familiar retórica reacionária para lançar desdém não só sobre a moderna ideia de progresso, mas sobre o pensamento e a vida modernos como um todo” (BERMAN, 1986, p. 134).

Para Baudelaire, destaca a autora, a vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto, “é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínsecas, é inseparável das contas que o homem moderno tem de pagar” (BERMAN, 1986, p. 138). Lança desdém sobre a vida moderna e o progresso, ele está preocupado com a “confusão” entre ordem material e ordem espiritual (HERRERO, 2004, p. 2).



Em sua dissertação intitulada *Lima Barreto e Oswald de Andrade nos descaminhos da modernidade* (2004), Danusa Fattori faz um contraponto interessante que tange à modernização da cidade e de seus habitantes, o qual vale a pena destacar. Para a autora, na obra de Lima Barreto,

assim como o homem moderno vive em uma cidade que se transforma constantemente e precisa desenvolver suas habilidades físicas e mentais a fim de sobreviver em meio ao caos [...] em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Lima demonstra como a modernização da cidade impele à abdicação de valores tradicionais, não raras vezes superiores, ao mesmo tempo em que condena uma parte da população – que sequer pode optar por renunciar ou não aos seus valores, visto desconhecer, e portanto, não compreender os novos a ela impostos -, à segregação. Decorre dessa convicção a seguinte afirmação a respeito da reforma denominada Bota - abaixo: “Era necessário, mas poderia ter sido feita aos poucos” (FATTORI, 2004, p. 121).

As reformas, como a implementada por Pereira Passos no Rio de Janeiro, por exemplo, interrompem os vínculos entre as pessoas e seu ambiente. E LB, nos romances eminentemente urbanos que constrói, demonstra uma preocupação com os rumos que a sociedade poderá tomar a partir disso.

Velloso (*apud* FATTORI, 2004, p. 122) salienta que o submundo, a marginalidade, a boêmia e as ruas formam o espaço expressivo para que se pense a modernidade brasileira, notadamente a do Rio, onde a exclusão social foi vivenciada de maneira mais aguda e atroz.

O mesmo pode se vislumbrar em Baudelaire, no poema em *Os Olhos dos Pobres (Spleen de Paris)*, em que se exprime uma queixa. Em uma tarde, um casal senta-se no café na esquina de um novo bulevar. Neste, o casal se depara com uma família de pobres que observa o brilhante mundo novo. A fascinação não tem conotação “hostil”. “Sua visão do abismo entre os dois mundos é sofrida, não militante, mas resignada” (HERRERO, 2004, p. 02).

Ao contrário do que muitos críticos apregoavam à época, Lima Barreto não fora contrário à modernidade. Contudo, buscava, por meio de sua prosa ácida, do *mal-de-vivre* que de alguma forma manifesta, conciliar *modernidade e cidadania* (FATTORI, 2004, p. 145).

A autora argumenta que o conceito de modernidade com que trabalhava a República brasileira excluía tudo que não fizesse parte de uma acepção moderna. Pretendia uma ruptura radical com o passado, com o diferente, inclusive com os frutos do próprio processo de modernização. “Não obstante, moderno para Lima Barreto seria ‘uma administração democrática, que contemplasse os interesses coletivos e se interessasse em reconhecer a livre expressão de conflitos sociais e políticos’” (FATTORI, 2004, p. 145).



O *spleen*, em Lima, portanto, constata-se a partir do velho incômodo que manifesta e que contagiou, lembra Fattori, grande parte dos escritores nacionais: “o drama do dilaceramento ou ‘o permanente sentimento de inadequação entre a realidade vivida (híbrida) e aquela que se almeja” (2004, p. 149).

Convivendo num espaço em que coabitavam o antigo e o novo, o arcaico e o moderno, o nacional e o estrangeiro, os intelectuais brasileiros - dentre eles o que ora nos interessa, Lima Barreto - elaboram respostas, ora mais ora menos próximas das que advêm dos países centrais.

Tais respostas “nos obrigam a pensar os fatos históricos em sua multidimensionalidade, na qual convivem, na maioria das vezes, de forma não-pacífica, as tradições do passado, com o presente, o culto e o popular o moderno e o arcaico” (FATTORI, 2004, p. 150). LB, nos termos de Habermas (MACHADO, 2002, p. 91), faz uma autocertificação da modernidade periférica e tardia por meio do prisma literário.

É interessante destacar também o que é dissonante em Baudelaire e Lima Barreto no que tange à modernidade. É certo que ambos, por meio da linguagem, buscaram expressar as contradições de seu tempo. Contudo, diferentemente de Baudelaire, Lima não desejava “uma linguagem adaptada aos impulsos líricos da alma ou às modulações do sonho [...] compreendendo a literatura (*sic.*) como um instrumento de comunhão e união entre os homens, desejava uma linguagem que denunciasse os entraves sociais ao conagração humano” (MACHADO, 2002, p. 91)

Além disso, destaca Machado, por estar atento aos aspectos materiais da modernidade, LB desenvolveu um realismo que o aproxima mais do conceito de modernização (enquanto processo) que do conceito de modernismo (enquanto movimento, atitude) que caracterizaria Baudelaire.

Marcado pela atividade jornalística e pela militância que empreendeu no trato com a Literatura, Lima não desenvolve uma forma literária sofisticada, como Baudelaire. Mas não obstante essas diferenças, lembra a autora, as aproximações entre os dois são significativas, visto serem ambos *flanêurs* ante o moderno, tanto em Paris, signo-cidade da modernidade, quanto na capital da República brasileira à *Belle époque*.

No caso de Lima Barreto, o viés antipastoral acerca da vida moderna, como já pontuei anteriormente, manifesta-se por meio da crítica ao sistema recém instaurado, bem como uma certa nostalgia com relação ao passado, caracterizam seu *spleen*. Algo também evidente na poesia de Baudelaire. Característica que também pôde-se perceber como constitutiva da tônica da prosa barretiana.



Referências

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*: 1881-1922. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. Obras escolhidas – volume 3. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Schwarcz, 1986.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Col. Obras de Lima Barreto. Vol. V. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. Col. Obras de Lima Barreto. Vol. XIV. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Col. Obras de Lima Barreto. Vol. I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Um que vendeu sua alma*. In: Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá/ Contos. Col. Obras de Lima Barreto. Vol. IV. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Col. Obras de Lima Barreto. Vol. IV. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do Mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- BAUDELAIRE, Charles. *O spleen de Paris: pequenos poemas em prosa* (fragmentos). Disponível em <<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/charles-baudelaire/index.php>>. Acesso em 10 jul. 2008.
- CHEVITARESE, Leandro Pinheiro. *As razões da pós-modernidade*. In: Análogos. Anais da I SAF-PUC. Rio de Janeiro: Booklink. Disponível em: <http://www.saude.inf.br/artigos/posmodernidade.pdf>. Acesso em 12 out. 2012
- CRUZ, Claudio. *Literatura e Cidade Moderna*: Porto Alegre 1935. Col. Ensaios. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000
- FATTORI, Danusa da Matta Duarte. *Lima Barreto e Oswald de Andrade nos descaminhos da modernidade*. Dissertação de mestrado. Disponível em <<http://bdtd.bce.unb.br>>. Acesso em 10 ago. 2008.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo: Duas Cidades. 1978.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 22 ed. Edições Loyola Jesuítas: São Paulo, 2012.
- HERRERO, Rodrigo. ***Tudo que é sólido desmancha no ar: uma análise do capítulo burguês de Baudelaire***. Disponível em: <http://textoartigopoesiaetc.blogspot.com/2004_08_01_textoartigopoesiaetc_archive.html>. Acesso em 18 jul. 2008
- JAMESON, Frederich. *Pós modernidade e sociedade de consumo*. Disponível em: <<http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/jameson%20-%20pos-modernidade%20e%20sociedade%20de%20consumo.pdf>>. Acesso em 06 jun. 2019.
- KÖENIG, Marília. *Uma literatura transmoderna: a ética da estética em Lima Barreto, uma análise de Vida urbana à luz da Sociologia Compreensiva*. Tese de doutorado. Unisul: Tubarão, 2015.
- LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin, tradutor de Baudelaire*. Alea, Dez. 2007, vol.9
- MACHADO, Maria Cristina Pereira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Editora da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Edição revista e atualizada. Tradução de Alípio de Souza Filho. Porto Alegre: Argos, 2001;
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução de Francisco Franke Satinelli. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. Tradução de Aluizio R. Trinta. Coleção Imaginário Cotidiano. Porto Alegre: Sulina, 2010;



MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SCRAMIN, Susana C. *Baudelaire e a modernidade*. Artigo. UFSC, 2008.

SILVA, Juremir Machado da. *Tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

[RECEBIDO: 21/10/2017]

[ACEITO 30/05/2019]